

	<p>importância e a necessidade do conhecimento e divulgação desses espaços de memória e de educação não formal, para manter viva a história e o sentimento de pertencimento do povo potiguar, e para além disso, multiplicar as trocas de experiências que são estabelecidas no lugar.</p> <p>Palavras-chave: Educação não formal; Espaços de Memória; Centro Histórico.</p>
ID283	<p>A INTELIGÊNCIA, A DETERMINAÇÃO E A PRODUÇÃO ESCRITA Paula Cristina Ferreira, Rui Alexandre Alves, & Luís Filipe Barbeiro paula.ferreira@ipleiria.pt, ralves@fpce.up.pt, luis.barbeiro@ipleiria.pt</p> <p>Conhecer e caracterizar o processo de escrita continua a ser uma necessidade a nível académico e pedagógico, por esse motivo surgiu este estudo, com as questões que o norteiam: Que relação existe entre os resultados da avaliação da inteligência e como se reflete na produção textual escolar? Que nível de determinação têm os alunos? Que nível de esforço mobilizam quando realizam as tarefas de produção textual? Neste estudo, foram consideradas as investigações de Dweck (2018), Duckworth (2016) e Dehaene (2018) que salientam a importância da prática frequente, do erro enquanto fase não inibidora de aprendizagem e do envolvimento ativo do sujeito na própria construção do conhecimento e no desenvolvimento de capacidades. Neste âmbito, o estudo que se apresenta, ainda que parcialmente, decorre da intervenção levada a cabo em contexto escolar, no ano letivo 2019-2020. Foi estruturada para que, semanalmente, três turmas de 7.º ano do Ensino Básico, na disciplina de Português, tivessem uma sessão de escrita com a investigadora. Uma psicóloga colaborou no projeto e aplicou os subtestes da WISC (vocabulário; compreensão; código; semelhanças; disposição de gravuras e composição de objetos). Devido à pandemia por COVID-19, as sessões de escrita passaram a ser à distância, mas os alunos continuaram a escrever no seu caderno, enviando a fotografia do texto produzido. Na comunicação, discutir-se-á a relação entre o desempenho na escrita em contexto académico, o nível de desempenho nos subtestes da WISC, o teste de determinação de Duckworth (2016) e o nível de esforço registado aquando da escrita dos textos. Uma atitude inerente a todas as sessões de escrita foi a de promoção de um <i>mindset</i> de crescimento dinâmico junto dos alunos. A nível dos resultados, verifica-se, por um lado, uma heterogeneidade nos subtestes da WISC e por outro uma homogeneidade no questionário de determinação, aplicado no início e no final do ano letivo, pois 60% dos alunos aumentou a pontuação. O mesmo se verifica quanto a nível de esforço registado na primeira e última produção textual, na medida em que 63% dos alunos regista um aumento. A qualidade textual também regista, genericamente, melhorias significativas e em diferentes dimensões: extensão textual, marcação de parágrafos e progressão textual, pontuação, vocabulário, caligrafia e ortografia. Este estudo possibilita-nos uma perceção mais completa das competências do sujeito por conjugar aspetos de cariz cognitivo, motivacional e intrínseco com uma prática frequente e deliberada da escrita por forma a otimizar progressivamente a qualidade textual e a consequente competência de escrita e comunicativa.</p> <p>Palavras-chave: determinação; escrita; esforço; <i>mindset</i>; subtestes da WISC</p>
ID353	<p>AUTORREGULAÇÃO, AUTOEFICÁCIA E PERCEÇÃO DE DESEMPENHO DE ESTUDANTES EM ENGENHARIA Camila Alves Fior, Cláudia Angélica do Carmo Reis, Rita Karina Nobre Sampaio, & Soely Aparecida Jorge Polydoro cafi@unicamp.br, claucarmoreis@gmail.com, Rkarinans@gmail.com, soelypolydoro@unicamp.br</p> <p>Os cursos de Engenharia no Brasil passam por inovações no currículo, tendo em vista as novas Diretrizes Curriculares Nacionais, a evolução tecnológica e as dificuldades relacionadas à permanência, retenção e conclusão dos cursos. Como contribuição para amenizar essas dificuldades, torna-se relevante mapear variáveis psicológicas que impactam a aprendizagem dos estudantes nessa área, como a autorregulação e a autoeficácia, visto manterem relações importantes com engajamento, permanência e sucesso académico. O objetivo desse estudo é analisar as diferenças na autoeficácia para formação superior e na autorregulação da aprendizagem em universitários de cursos de engenharia, considerando as variáveis, sexo, escolaridade dos pais e turno em que estão matriculados. Buscou-se, ainda, identificar a relação entre autoeficácia, autorregulação e percepção de desempenho. A amostra foi composta por 217 universitários brasileiros, matriculados em cursos de engenharia, com idade entre 18 e 51 anos ($M=21,08$; $dp=4,50$), 64,1% do sexo masculino e 79,7% matriculados no turno integral/diurno. Os instrumentos utilizados, aplicados coletivamente, foram: Escala de Autoeficácia na Formação Superior (AEFS) e Inventário de Processos de Autorregulação da Aprendizagem (IPAA), além de Questionário de caracterização, no qual se solicitava ao estudante descrever, por meio de uma nota, a percepção de seu desempenho académico. Foram relatadas diferenças estatisticamente significantes na dimensão autoeficácia académica, com resultados favoráveis aos homens ($z=-2,034$, $p = 0,042$) em comparação às mulheres. Quanto à escolaridade dos pais, os estudantes cujas mães têm apenas o ensino fundamental completo/incompleto, relataram médias mais elevadas na autoeficácia para a gestão académica, quando comparados aos que suas mães têm o ensino superior</p>